

“POR POUCO TEMPO”: UMA LEITURA POLÍTICO-RELIGIOSA DE APOCALIPSE 12,1-18

*Valtair A. Miranda**
valtairmiranda@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa o capítulo 12 do Apocalipse de João. Numa posição central dentro do livro, duas narrativas são interligadas para construir uma única mensagem. A primeira narrativa descreve um conflito violento entre a figura mitológica do Dragão e uma mulher em trabalho de parto; na segunda narrativa, o mesmo Dragão aparece no céu em guerra contra um exército de anjos liderados por Miguel. Em ambas as histórias o Dragão é derrotado, apesar de deixar um rastro de violência na terra contra os seguidores de Jesus. O tom de esperança fica por conta da notícia de que a violência do Dragão na terra é “por pouco tempo”.

Palavras-chave: *Apocalipse de João. Dragão. Milenarismo. Religião e Sociedade.*

Abstract

This article analyzes the chapter 12 of the Revelation of John. In a central position within the book, two narratives are interconnected to construct a single message. The first narrative describes a violent conflict between the mythological figure of the Dragon and a woman in labor; the second narrative, the same Dragon appears in the sky fighting against an army of angels led by Michael. In both stories the Dragon is defeated, despite leaving a trail of violence on earth against the followers of Jesus. The tone of hope rests with the news that the violence of the Dragon on earth is “a little while”.

Keywords: *Revelation of John. Dragon. Millenarism. Religion and Society.*

* Valtair Afonso Miranda é Doutor em Ciências da Religião (UMESP/SP) e doutorando em História (UFRJ). Leciona na Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

Palavras iniciais

A Bíblia cristã começa com narrativas sobre o Éden perdido e termina com histórias sobre a restauração de todas as coisas. O último livro das Escrituras, assim, pode ser grande fonte de esperança por meio de uma série de imagens de felicidade, como o Reino Milenar (Ap 20,1-4) e a Nova Jerusalém (Ap 21,1-27). Mas nem tudo é alegria no Apocalipse. Nele também encontramos os gafanhotos demoníacos (Ap 9,1-11), as bestas assassinas (Ap 13,1-18), o violento Dragão (Ap 12,3-4) e muito sangue e violência.

Como conciliar seu papel na produção de esperança com as imagens de violência? Um dos caminhos mais comuns é relacionar a linguagem do livro com o contexto histórico-social e as dificuldades enfrentadas pelos seguidores de Jesus naquele período. O Apocalipse parece ter surgido no final do primeiro século na região mediterrânea da província romana da Ásia¹. A confiar no relato do texto e em dados tradicionais, um judeu convertido ao movimento de Jesus encontrava-se na Ilha de Patmos quando experimentou visões do Jesus glorificado no céu. O livro que agora fecha o Novo Testamento, então, seria resultado do confronto entre estas visões e releituras de tradições judaicas (especialmente apocalípticas) e pagãs.

Para demonstrar a forma como o Apocalipse combina relatos de dor e de esperança vamos olhar especialmente para uma de suas narrativas, a história do Dragão e da Mulher (Ap 12,1-18).

Dramatização simbólica e produção de crise

Tirando a introdução da obra, e a conclusão, o corpo do Apocalipse é formado pelos capítulos 2–21. Os capítulos 2 e 3, entretanto, destacam-se do restante do livro pelo estilo e forma. Formam um conjunto de sete cartas dirigidas aos anjos de sete igrejas da Ásia Menor. Logo após as cartas, então, inicia-se a parte do livro que mais se assemelha às antigas obras apocalípticas judaicas (4–21)².

Não há consenso quanto à forma de estruturar o Apocalipse, mas adotaremos aqui a sugestão de autores que defendem a existência de dois grandes blocos, com o primeiro indo do capítulo 4 até o capítulo 11. O capítulo 12, neste

1. Nos termos de W.G. Kümmel, sobre o seu autor “nada sabemos a não ser que ele era um profeta judeu-cristão chamado João”. Cf. KÜMMEL, W.G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 621.

2. Quanto a uma revisão da pesquisa em torno da estrutura do Apocalipse, ver COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001, p. 6-44; ADRIANO FILHO, José. O Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária. Anotações em torno da estrutura do livro. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, v. 34, 1999, p. 7-29; LAMBRECHT, J. A structuration of Revelation 4,1–22,5. In: *L'Apocalypse Johanique et l'Alocalyptique dans le NT*. Leuven: Bembleux, 1980, p. 77-104.

caso, indicaria o início de uma nova narrativa. Enquanto os selos e trombetas são despejados sobre a terra numa sucessão quase ininterrupta, a história da Mulher e o Dragão quebram esta progressão. O final do capítulo 11, para um leitor desapercibido, bem que poderia ser a consumação do juízo divino, o início do fim, anunciado por João logo na sua frase de abertura do livro (“as coisas que em breve devem acontecer” – Ap 1,1). Pelo menos é o que provoca a audição do cântico dos 24 anciãos:

Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar. Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra (Ap 11,17-18).

Inesperadamente, entretanto, em vez do fim vem um novo início. E desta vez é o aparecimento das dores messiânicas, o princípio da derrota do Dragão, o começo da perseguição dos santos³. Ou seja, uma série de elementos é iniciada num lugar do livro onde se esperava que estivessem já a terminar.

Ao que parece, o capítulo 12 inicia uma narrativa que segue de forma semilinear até o capítulo 22. Isso tem levado alguns autores a apontar este capítulo como chave para a compreensão do livro inteiro⁴.

A Mulher do capítulo 12 é descrita como um *sinal* (*semeion*), e vem acompanhada de dois outros *sinais*. O Apocalipse apresenta três sinais vistos no céu. O primeiro deles (12,1) – *um grande sinal no céu* – é uma mulher vestida de sol, com a lua sob os pés e doze estrelas na cabeça. O segundo (12,3) – *um outro sinal no céu* – é um grande dragão vermelho. O terceiro sinal só vai aparecer no capítulo 15,1: *um outro sinal no céu, grande e maravilhoso*. Este último sinal é formado pelo conjunto das sete taças nas mãos de sete anjos.

Os três sinais estão interligados diretamente, e espelham realidades concretas das comunidades seguidoras de Jesus na província romana da Ásia no final do primeiro século da Era Comum, durante o reinado do Imperador Domiciano. Com eles, o Apocalipse se põe a demonstrar que o presente das comunidades de Jesus se explicaria por eventos celestiais.

É no céu que se dá o início do embate entre a Mulher e o Dragão. Ali surge uma guerra que se estenderá para a terra. Primeiramente, é a Mulher que precisa

3. Esta é a forma preferida do Apocalipse para definir o povo de Deus.

4. CHEVITARESE, André Leonardo. Dragão, serpente e mulher. As bases helenísticas do capítulo 12 do Apocalipse de João, o visionário. In: *Estudos de Religião*, vol. XVI, n. 22, 2002, p. 27; COLLINS, Adela Yarbro. *op. cit.*, p. 28; SUMNEY, Jerry L. The Dragon has been defeated – Revelation 12. In: *Review and Expositor*, Louisville, vol. 98, n. 1, 2001, p. 104.

fugir para o deserto. Logo depois é o Dragão que será expulso do céu por Miguel e os seus anjos. Como resultado, o Dragão, enfurecido, por não ter conseguido destruir a criança messiânica, nem a Mulher, volta-se contra os seguidores do Cordeiro, o restante dos descendentes da Mulher. Para isso, o Dragão levantará dois animais ferozes, as bestas que sairão do mar e da terra.

A narrativa foi construída para levar a audiência do Apocalipse a se identificar com a descendência da mulher, com seus filhos, tal como a criança arrebatada. O capítulo 12, assim, descreve um conflito que se estenderá até o capítulo 20,10. O filho que foi arrebatado para junto de Deus, com a promessa de que reinaria sobre as nações com vara de ferro, voltará no capítulo 19 para destruir as bestas e implantar seu reino. Quanto ao dragão, um pouco depois, no capítulo 20, após o reino messiânico na terra, terá o mesmo fim que suas monstruosas criaturas.

O capítulo 12 do Apocalipse, então, tem elementos que podem configurá-lo como uma dramatização simbólica do conflito que o autor do Apocalipse percebia à sua volta. Nestes termos, seu propósito poderia ser produzir, inicialmente, crise com a sociedade e com grupos divergentes, para, subsequentemente, oferecer esperança e consolo na certeza da vitória final.

Duas histórias – uma mensagem

Antes de discutir a estrutura da narrativa, vamos nos deter numa tradução do texto:

“¹Um grande sinal foi visto no céu: uma mulher vestindo o sol, com a lua debaixo dos pés, e sobre a sua cabeça uma coroa de doze estrelas. ²Tendo dores de parto, grita, sofrendo, e sofre torturas para dar à luz. ³E foi visto outro sinal no céu. Eis um dragão grande vermelho, tendo sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas. ⁴A cauda dele arrastou o terço das estrelas do céu, e jogou-as para a terra. E o dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz, para que, quando parisse o seu filho, ele o devorasse. ⁵E deu à luz um filho varão, que está para pastorear todas as nações com vara de ferro. E o filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono. ⁶E a mulher fugiu para o deserto, onde tem ali um lugar preparado da parte de Deus, para que sustentem-na por mil duzentos e sessenta dias.

⁷Fez-se guerra no céu. Miguel e os seus anjos a guerrear contra o dragão. O dragão guerreou com os seus anjos, ⁸mas não prevaleceu, nem mais lugar foi achado para eles no céu. ⁹E foi jogado o grande dragão, a velha serpente, o chamado diabo e satanás, o enganador da terra toda, foi jogado para a terra. E os anjos dele com ele foram jogados.

¹⁰Ouvi uma grande voz no céu, dizendo: Agora chegou a salvação e o poder e o reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo, porque foi expulso o acusador dos nossos irmãos, o que os acusava diante do nosso Deus dia e noite. ¹¹E eles o venceram através do sangue do Cordeiro e através da palavra do seu testemunho, pois não amaram a própria vida mesmo diante da morte. ¹²Por causa disto, regozijai, os céus e os que neles habitam. Ai da terra e do mar, porque caiu o diabo diante de vós, tendo grande ira, sabendo que tem curto tempo.

¹³Quando viu o dragão que fora jogado para a terra, perseguiu a mulher que deu à luz o menino. ¹⁴E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que fugisse para o deserto, para o seu lugar, onde é protegida por tempos, tempos e meio tempo da face da serpente. ¹⁵E a serpente lançou da sua boca atrás da mulher água como um rio, para que ela fosse afogada. ¹⁶Mas a terra auxiliou a mulher. A terra abriu sua boca e tragou o rio que da sua boca o dragão jogou. ¹⁷E irou-se o dragão ainda contra a mulher e foi fazer guerra contra os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e que têm o testemunho de Jesus. ¹⁸E postou-se sobre a areia do mar”.

Nessa leitura de Apocalipse 12 encontramos algumas partes que se marcam naturalmente:

- 12,1-6: o Dragão investe contra a Mulher que está para parir uma criança;
- 12,7-9: no céu, Miguel combate contra o Dragão e o expulsa para a terra;
- 12,10-12: Soa um cântico de vitória pela derrota do dragão, com duras consequências para os habitantes da terra;
- 12,13-17: Na terra, o Dragão investe contra os demais filhos da Mulher.

Percebe-se que este texto conta duas histórias. Numa delas encontramos um dragão a perseguir uma mulher (12,1-6; 12,13-18); na outra, o mesmo personagem é derrotado numa luta contra o arcanjo Miguel (12,7-12). A primeira narrativa, entretanto, aparece seccionada ao meio pela segunda. A ruptura só não é maior porque o autor do texto usou uma doxologia (12,10-11) para fazer a transição da narrativa de volta para a Mulher e o Dragão, além de fornecer a interpretação dos eventos que estão em torno.

Inicialmente, com a inserção da doxologia na seção da guerra no céu, o capítulo 12 poderia ser dividido em três partes:

- 12,1-6: O início do confronto da Mulher e do Dragão por causa da criança;

- 12,7-12: A guerra no céu entre Miguel e o Dragão, com a sua consequente expulsão do céu para a terra (aqui inserida a doxologia);
- 12,13-18: O Dragão falha na perseguição à Mulher e se volta contra os seus demais filhos.

De qualquer forma, tematicamente, são apenas duas porções, com versos duplicados ou repetidos para fazer a transição entre elas. Os versículos 6 e 13 estão repetidos. Enquanto um (12,6) foi usado para interromper a narrativa da perseguição à Mulher, o outro (12,13) foi usado para dar continuidade a essa mesma narrativa. Ao serem suprimidos, teríamos as duas narrativas lineares, como o retorno aos textos abaixo poderia evidenciar. É importante destacar que os versículos 6 e 13 não serão usados na reconstrução das narrativas. A exclusão ajuda-nos a perceber o papel dos mesmos como recurso literário para juntar duas narrativas originalmente independentes:

“¹Um grande sinal foi visto no céu: uma mulher vestindo o sol, com a lua debaixo dos pés, e sobre a sua cabeça uma coroa de doze estrelas. ²Tendo dores de parto, grita, sofrendo, e sofre torturas para dar à luz. ³E foi visto outro sinal no céu. Eis um dragão grande vermelho, tendo sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas. ⁴A cauda dele arrastou o terço das estrelas do céu, e jogou-as para a terra. E o dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz, para que, quando parisse o seu filho, ele o devorasse. ⁵E deu à luz um filho varão, que está para pastorear todas as nações com vara de ferro. E o filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono. ¹⁴E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que fugisse para o deserto, para o seu lugar, onde é protegida por tempos, tempos e meio tempo da face da serpente. ¹⁵E a serpente lançou da sua boca atrás da mulher água como um rio, para que ela fosse afogada. ¹⁶Mas a terra auxiliou a mulher. A terra abriu sua boca e tragou o rio que da sua boca o dragão jogou. ¹⁷E irou-se o dragão ainda contra a mulher e foi fazer guerra contra os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e que têm o testemunho de Jesus. ¹⁸E postou-se sobre a areia do mar.”

⁷Fez-se guerra no céu. Miguel e os seus anjos a guerrear contra o dragão. O dragão guerreou com os seus anjos, ⁸mas não prevaleceu, nem mais lugar foi achado para eles no céu. ⁹E foi jogado o grande dragão, a velha serpente, o chamado diabo e satanás, o enganador da terra toda, foi jogado para a terra. E os anjos dele com ele foram jogados. ¹⁰Ouvi uma grande voz no céu, dizendo: Agora chegou a salvação e o poder e o reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo, porque foi expulso o acusador dos nossos irmãos, o que os acusava diante do nosso Deus dia e noite.

¹¹*E eles o venceram através do sangue do Cordeiro e através da palavra do seu testemunho, pois não amaram a própria vida mesmo diante da morte.*

¹²*Por causa disto, regozijai, os céus e os que neles habitam. Ai da terra e do mar, porque caiu o diabo diante de vós, tendo grande ira, sabendo que tem curto tempo.*

Colocadas assim separadas, nem a Mulher nem a criança arrebatada aparecem na segunda narrativa. Da mesma forma, nem Miguel ou os irmãos e irmãs que derrotaram o Dragão aparecem na primeira narrativa. O único personagem que aparece em ambas é o Dragão. Ele é aquele que tem pouco tempo, e por isso fará guerra contra os seguidores de Jesus.

A primeira narrativa, que descreve a luta de uma criatura monstruosa contra uma mãe e seu filho, poderia apontar para vários paralelos na antiguidade greco-romana. A pesquisadora americana Adela Y. Collins analisou documentos acádicos, hititas, ugaríticos, egípcios e gregos e argumentou que Apocalipse 12 é uma fusão de várias versões de um antigo mito de combate cósmico. Segundo esta autora, a Mulher de Apocalipse é descrita como uma rainha do céu, concebida em categorias astrais, com uma linguagem de grande exaltação, comparada a apenas três deusas do período helenístico romano: Ártemis de Éfeso, Atargatis da Síria e Ísis do Egito⁵. O Apocalipse faz uma leitura destas tradições míticas revestindo-as de elementos judaicos. A Mulher, descrita com doze estrelas na cabeça, a lua por debaixo dos pés, e vestida do sol, poderia evocar em leitores familiarizados com as Escrituras judaicas o sonho de José (especialmente Gn 37,9-10), onde os três elementos (sol, lua e doze estrelas) apareceram intimamente relacionados e vinculados à família do patriarca Jacó (o pai, a mãe e os doze filhos). Igualmente nestes mesmos leitores, a criança que iria reger as nações com vara de ferro evocaria um salmo lido tradicionalmente de forma messiânica: “Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro” (Sl 2,9). No final da narrativa, após descrever o fracasso do Dragão em destruir a Mulher, e a criança messiânica, os outros filhos da Mulher são interpretados como aqueles que guardam os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus. Em outras palavras, se a Mulher seria uma referência ao povo de Israel, e a criança messiânica uma descrição simbólica do Messias, sua descendência poderia ser encontrada no movimento de Jesus e suas comunidades espalhadas pelo Império Romano.

Quanto à narrativa da Guerra no Céu, diversas tradições apocalípticas concebiam a queda primordial de um adversário cósmico de Deus num contexto de uma luta ou rebelião. Tradicionalmente, mesmo depois dessa queda, ele teria continuado a exercer seu poder, apesar de ser em forma limitada. Esse conflito cósmico, nos seus contextos antigos, era evento dos primórdios, e funcionava como

5. COLLINS, Adela Yarbro. *Op. cit.*, p. 75-76.

“mito etiológico ou especulativo, que servia para explicar a origem do mal”⁶. Este não parece ser, entretanto, o uso que Apocalipse faz da história do Dragão. A sua derrota no confronto contra a Mulher, e sua derrota no céu contra Miguel, estão inseridas num discurso político-religioso. Afinal, foi depois da sua queda que ele instrumentalizou a grande besta, o Império Romano. A postura violenta de Roma contra o povo de Deus estava fresca na memória da audiência do Apocalipse. Não seria difícil lembrar os inúmeros irmãos e irmãs que morreram na perseguição sob o Imperador Nero, descritas por Tácito (*Annales* XIII, 3.2; XV, 44) ou Suetônio (*Vita Neronis*, XVI). Mais fácil ainda seria recordar o sangue derramado durante a destruição de Jerusalém e o Templo, em 70, pelo general romano Tito. O autor do Apocalipse faz uma leitura religiosa destes eventos e os vincula ao ódio do Dragão contra os causadores de sua queda.

O capítulo 12 é um encontro de várias tradições, recolhidas e colecionadas em poucas frases. A função do conjunto final, aparentemente, aparece nos últimos versículos do capítulo, precisamente nos versículos 17 e 18, que o concluem. Eles explicam por que o Dragão deixou de perseguir a Mulher e passou a perseguir o restante da sua descendência (12,17). O propósito do autor do Apocalipse ao aproximar as duas histórias foi demonstrar que o que estaria para desabar sobre o movimento de Jesus era, na verdade, retaliação de uma figura celestial, satanás, que já fora derrotada, mas que ainda não dera os seus últimos suspiros.

Neste sentido, ao ouvir a história do Dragão, os membros das comunidades de Jesus deveriam perceber sua situação presente como uma batalha na qual eles deveriam obrigatoriamente estar preparados. Neste contexto de preparação, entretanto, a proposta do Apocalipse é de isolamento social, de ruptura para com a sociedade em termos políticos, religiosos e sociais. Afinal de contas, como fazer alianças ou mesmo manter relações com uma sociedade que é, em termos amplos, instrumento satânico para destruir o movimento de Jesus?

Alegria lá – infelicidade cá. Até quando?

O Apocalipse não é um livro de fácil leitura. Suas imagens são fortes e frequentemente chocam leitores que se aventuram por ele. Precisamos reconhecer, entretanto, que a vida das igrejas da Ásia Menor no final do primeiro século não era fácil. Conflitos se avolumavam em torno dos seus membros. Eles olhavam para um lado e percebiam o ódio da sociedade imperial romana contra os seguidores de Jesus. Olhavam para o outro lado e viam com tristeza alguns destes mesmos seguidores procurando alianças com agentes da sociedade imperial. Se olhavam para trás, ainda enxergavam seus antigos aliados, irmãos de etnia judaica, agora os desprezando por sua fé em Jesus como o Messias. A agressividade

6. COLLINS, Adela Yarbro. *Op. cit.*, p. 129.

de linguagem e de símbolos do Apocalipse é parcialmente resultado destas várias situações de conflito enfrentados pelo autor do livro e por igrejas da época.

O resultado da guerra entre Miguel e o Dragão no céu é a derrota do Dragão. Ele perdeu sua posição no céu. Não pode mais acessá-lo, nem promover nenhuma acusação contra os seguidores de Jesus. No céu ele já está derrotado. No céu, os irmãos mortos e martirizados já podem cantar de alegria (Ap 12,10). Na terra, entretanto, ainda não é hora de cantar. Se a Mulher está protegida no deserto e seu Filho aguarda no céu, arrebatado, sua descendência ainda enfrenta a ira do Dragão. Na terra o Dragão ainda tem poder. Na terra ele ainda promove morte e violência contra os seguidores de Jesus. Até quando?

A resposta de Apocalipse 12,1-18 é: por pouco tempo. Muitos morrerão, mas isso não é sinal de derrota. Se a morte foi o caminho de vitória do Cordeiro (Ap 5,9), o sangue de seus seguidores será também instrumento de vitória contra o mal (Ap 12,11)⁷. Dentro em breve, o Dragão será novamente expulso, desta vez para o abismo (Ap 20,1-2) e, por fim, para o lago de fogo (Ap 20,10). E quando isso acontecer, a alegria de lá também será a alegria de cá.

Conclusão

Durante nossa breve leitura do capítulo 12 do Apocalipse de João percebemos a forma ambígua como o último livro do Novo Testamento alimenta a esperança entre seus leitores e ouvintes. O Dragão é apresentado como derrotado no céu, mas ainda solto na terra. A consequência disso para as comunidades de Jesus é uma perseguição dolorosa que pode levar seus membros à morte. Mas a narrativa também tem uma boa notícia. A agradável notícia da história repousa na convicção de que o Dragão tem pouco tempo e na certeza da vitória final. A vida pode ser dura, os adversários podem ser fortes, mas o povo de Deus pode caminhar convicto de que a vitória do Cordeiro será também a vitória de seus seguidores.

Valtair A. Miranda
valtairmiranda@gmail.com

Bibliografia

ADRIANO FILHO, José. O Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária. Anotações em torno da estrutura do livro. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 34, 1999, p. 7-29.

CHEVITARESE, André Leonardo. Dragão, serpente e mulher. As bases helenísticas do capítulo 12 do Apocalipse de João, o visionário. In: *Estudos de Religião*, vol. XVI, n. 22, 2002, p. 11-36.

7. Uma idealização do martírio poderia ser encontrada nestas passagens: Ap 6,9-11; 12,11; 14,13; 20,4-6.

COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001.

KÜMMEL, W.G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.

LAMBRECHT, J. A structuration of Revelation 4,1–22,5. In: *L'Apocalypse Johanique et l'Alocalyptique dans le NT*. Leuven: Bembleux, 1980, p. 77-104.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt (orgs.). *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Gesamtherstellung Biblia-Druck, 1993.

SUMNEY, Jerry L. The Dragon has been defeated – Revelation 12. In: *Review and Expositor*, v. 98, n. 1, 2001, p. 103-115.